

“VIVEMOS NUM PAÍS ONDE PRATICAMENTE NINGUÉM ASSUME PUBLICAMENTE A IDENTIDADE GAY”¹

Fernando Matos Oliveira e Osvaldo Manuel Silvestre

Eduardo Pitta é poeta, com uma obra iniciada, em 1974, com *Silaba a Silaba* e antologicamente reunida em 1999, com o volume *Marcas de Água*, e ensaísta e crítico de poesia em várias publicações periódicas, da *Colóquio/Letras* ao *Ciberkiosk* e, mais notadamente, na revista *LER*, onde assina, há mais de uma década, a coluna “O som e o sentido”. Nascido em Lourenço Marques, em 1949, mudou-se para Portugal em 1975, não tendo desde então regressado a Moçambique. Na passagem de 2000 para 2001, estreou-se na ficção com o volume de contos *Persona*. A obra é composta por três narrativas curtas – “Marylin”, “Kalahari” e “Pesadelo” –, a última das quais merecerá, pela sua extensão, a designação de novela. Nas suas breves 60 páginas, *Persona* é um acontecimento na literatura portuguesa, na medida em que integra, na companhia talvez de *A Sombra dos Dias*, de Guilherme de Melo, e *Lunário*, de Al Berto, a tríade mais notável da nossa escrita gay. A singularidade dessa obra nas letras portuguesas deriva da forma como articula o universo colonial moçambicano com a prática de uma identidade gay que faz do homossexual um epítome da decadência do império, numa premeditada atitude de cinismo social que acaba por fazer dele uma figura crítica. A explicitude da linguagem, o desassombro na revelação do lado oculto da guerra colonial, surgem aqui despojados de qualquer retórica reivindicativa ou heroica, a qual é terapêuticamente substituída pelo duce frio de um olhar não disponível para se enredar nas armadilhas da nostalgia amorosa, sexual ou colonial. Eis porque e como esta obra introduz na situação pós-colonial da nossa literatura a questão abrasiva da possibilidade de uma literatura colonial crítica, sendo essa crítica contudo não o produto de uma perspectiva política, como seria esperável, mas sexual. Ou melhor: de uma política sexual que perturba e desarranja os quadros mais reconhecíveis quer da literatura

¹ Entrevista originalmente publicada em 2001, concedida a Osvaldo Silvestre e Fernando Matos Oliveira para o *Ciberkiosk*. Em virtude do encerramento do site e da impossibilidade de acesso ao conteúdo, os editores propõem a sua republicação, também como forma de comemorar a recente reedição da obra de Eduardo Pitta (*Persona*, 2019), sob a chancela das Publicações Dom Quixote.



colonial quer da pós-colonial.

Á guisa de sinopse, pode dizer-se que, em *Persona*, há abuso (“Marylin”), identidade gay (“Kalahari”) e arbítrio de poder (“Pesadelo”). Mais guerra colonial e borrasca imperial.

A singularidade da obra, bem patente no discurso crítico que suscitou e que, todo ele, não foi além do estatuto de “registro” da sua excepcionalidade temática, justifica decerto a entrevista que se segue. Tanto mais que *Persona* nasceu, por assim dizer, nas páginas do *Ciberkiok*, já que, como o próprio autor recorda mais abaixo, foi após a publicação de “Marylin”, no *Ciberkiok*, que, por sugestão de um dos directores do jornal (Américo Lindeza Diogo), Eduardo Pitta passou do texto isolado ao livro.

A entrevista foi realizada por Fernando Matos Oliveira² e Osvaldo Manuel Silvestre³.

Temos assistido a emergência progressiva de uma cultura pública gay em Portugal. De que modo se compreende o seu livro no *timing* histórico desta agenda? Ou será ele simplesmente o efeito da agenda da pessoa do autor?

Começando pelo fim, e servindo-me de palavras vossas, diria que é simplesmente o efeito da agenda da pessoa do autor. No mais, como quase tudo em Portugal, o *timing* histórico está desfocado. Eu nem sei se há, entre nós, uma cultura pública gay. Quando vemos um jornal de referência, como é o *Diário de Notícias*, dedicar ao tema sete edições (de 22 a 28 de abril último), fazendo-o de forma amadorística, enviesada e leviana, a questão nem sequer se põe. Toda a gente sabe que há homossexuais no mundo da moda e da publicidade, tal como entre estivadores e deputados. O *DN*, e convém repetir que é um jornal com especiais responsabilidades, agitou o espantinho de um suposto lobby gay, armadilha em que parece ter caído um parlamentar mais afoito, que referiu a existência de poderosas “redes organizadas a todos os níveis decisórios”. O absurdo não é tanto o disparate, mas o facto de se dizer uma enormidade destas e ninguém pedir à criatura que chame os bois pelos nomes. Talvez porque seja mais importante fazer manchetes de primeira página com fotografias de travestis a baralhar o pagode. Num país em que um político de esquerda caracteriza os homossexuais como sendo “tipos machos, com inclinações artísticas”, qualquer discussão está condenada ao fracasso. Em todo o

2 Doutor em Literatura Portuguesa (2008) pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde é, atualmente, Professor Auxiliar do Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes. Na mesma instituição, integra a “Secção de Artes” e vem lecionando, sobretudo, no Curso de Estudos Artísticos, onde é coordenador do Doutoramento em Estudos Artísticos. É membro integrado do Centro de Estudos Interdisciplinares do Séc. XX (CEIS20) e ensaísta com larga produção com ênfase no teatro e na dramaturgia.

3 Doutor em Teoria da Literatura (2006) pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Professor do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde vem lecionando disciplinas dessa área e na área de Estudos Artísticos, além das de licenciatura, mestrado e doutoramento. Dirige a licenciatura em Português da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, é coordenador do Instituto de Estudos Brasileiros, membro do Conselho Científico da sua Faculdade e integrou a Comissão de Reforma da Oferta Formativa, responsável pelo documento que lançou a reforma curricular da Faculdade. Integra o Conselho Editorial da revista *Colóquio/Letras* e ainda das revistas *Palavras*, *Remate de Males*, *Texto Poético*, *Abril – NEPA/UFF* e dirige, com Manuel Portela, a revista *MATLIT: Materialidades da Literatura*. É o responsável científico pelo espólio do escritor Carlos de Oliveira no Museu do Neo-Realismo e foi curador da exposição do seu espólio, estreada nessa instituição.

caso, tentando ver as coisas do lado positivo, gratifica-me verificar que a publicação de *Persona* coincidiu com o tempo histórico de um filme tão exacto como é *O Fantasma*, de João Pedro Rodrigues, bem como com a mais recente aprovação do diploma que reconhece, sob o ponto de vista jurídico, as uniões de facto entre homossexuais.

Como vê as práticas mais reconhecíveis exteriormente da cultura gay contemporânea: o *Gay Pride Parade* e *Outling*?

As marchas do orgulho gay são mero folclore, iguais às do Primeiro de Maio. Quis o acaso que estivesse em Londres, Nova Iorque e Paris, quando, respectivamente em 1989, 1994 e 1995, se realizou o *Gay Pride Parade*. Tem algum *punch*, mas não sei se terá eficácia. Parece que em Sidney é arrasador. Nunca vi, gostava de conferir. Eu, sobre manifestações de qualquer espécie, penso que devemos evitar. Mas se tiver de ser é preferível que sejam violentas. O *outling* é mais complicado e tem de ser entendido à luz da tradição anglo-americana da prática do *lobbying*. Nos Estados Unidos e na Inglaterra, o *lobbying* é uma prática comum. Nesses países, as personalidades públicas em geral e os políticos em particular, têm de ser pessoas consequentes. Não podem ter abstrações. E se há políticos que são homossexuais e nada fazem para contrariar políticas homofóbicas, então é natural que o *outling* possa ser considerado. Mas tudo isto são coisas que não existem em Portugal... Um deputado conservador, entrevistado para o tal dossier do *DN*, disse, provavelmente sem pestanejar, que “não há um único homossexual no Parlamento”. Isto é espantoso. E o jornalista não fez a pergunta óbvia: “Como é que sabe?” Estamos portanto a discutir o sexo dos anjos...

Um dos temas clássicos dos denominados *Queer Studies* é a questão da identidade. A começar pelo título do seu livro (*Persona*), até que ponto é também esta a afirmação central da sua escrita?

Não sei se a questão da identidade *queer* é a pulsão central da minha escrita ficcional. Pode ser que sim, mas é preciso esperar por outros livros. Andrew Sullivan e Bem Gove colocam a questão em termos muito claros, parece que não pode ser de outra maneira, mas vamos esperar para ver. Em todo o caso, como disse noutra entrevista, prefiro pôr o acento tónico na leitura, uma leitura que seja capaz de iluminar a marca identitária do autor.

Dizendo-os “morais”, estes contos parecem admitir que ainda estamos, pelo menos em Portugal, perante um verdadeiro interdito ético, aliás partilhado pela comunidade LesBiGayTrans? É justa esta conclusão?

Quando nos acusam de fazer proselitismo homossexual, coisa que aconteceu recentemente a pretexto de *Persona*, como esquecer a existência desses interditos? Estes contos tem uma moral, é claro que sim, mas não são textos moralizantes. Longe disso. Nunca me interessou fazer proselitismo, mas também não vou fazer de vítima para suscitar simpatia. À distância, as pessoas são todas muito liberais. E faz-lhe menos confusão uma *queen*, que podem apontar e de quem dizem que “apesar de tudo não é má pessoa”, do que um homem tranquilo que gosta de outros homens. A estética *camp*, mesmo em versão pimba como frequentemente se

vê na televisão, salvaguarda o estereótipo do “eles e nós”. Ao invés, um homossexual que seja naturalmente masculino, e não ande a esconder a sua condição no emprego e no social, perturba muita gente. Então se for bem sucedido do ponto de vista afectivo e profissional, desarranja completamente os valores estabelecidos... Isto é naturalmente válido para as mulheres, como um módico de escândalo acrescido.

Por várias razões, incluindo as que ficam por conta de instituições como a escola ou a universidade, Portugal não (re)conhece uma tradição literária gay. A crer no seu livro, como nalguns (muito) poucos antes dele, a constituição dessa tradição passa necessariamente por uma operação de linguagem. Em que medida sentiu o apelo desse novo dicionário?

Vamos por partes. Portugal não pode reconhecer uma tradição de facto inexistente. Por junto, teremos uma dezena de autores com obra assumidamente sexual. Obra. Não chega para fazer escola... E, já agora, aproveito para sublinhar que *Persona*, tendo carácter homossexual, não é um livro sobre o *milieu* gay. É a história de um rapaz homossexual que nasceu em Moçambique. Literalmente, esse rapaz vive no país dos outros. O *plot* gira em torno desse conflito. A cena gay, chamemos-lhe assim, vem por acréscimo. Nessa medida, o apelo do vocabulário *queer* é residual. Vejamos: tendo por pano de fundo a guerra colonial, o narrador dá o ponto de vista de um rapaz que tem sucessivamente 12, 18 e 22 anos. É natural que dê particular atenção à linguagem. E naquelas circunstâncias, essa linguagem teria de forçosamente de ser desabusada. Se isto contribuir para constituir tradição... Mas não nos podemos esquecer que vivemos num país onde praticamente ninguém assume publicamente a identidade gay. Gente conhecida, quero eu dizer, escritores, professores universitários, editores, artistas plásticos, cineastas, actores, encenadores, arquitectos, decoradores, publicitários, estilistas, modelos, cantores, bailarinos, políticos, apresentadores de televisão, autarcas, desportistas, gestores culturais, jornalistas, etc., ninguém dá a cara. O discurso crítico sobre Cesariny ou Eugénio de Andrade, por exemplo, omite sistematicamente a questão do género. A respeito de Cesariny ainda se pode argumentar que não há discurso crítico, só há exclamações ditirâmicas. Mas Eugénio tem suscitado larga produção ensaística. Como é que se pode fazer o cânone daquilo que não existe?

Falemos, entretanto, um pouco sobre os espaços da sua *Persona*. Nas diversas fases da vida de Afonso, o protagonista dos três contos, a acção situa-se em Moçambique, quase no estertor do império e da ditadura. Trata-se de uma coincidência meramente conjuntural ou de mais do que isso?

A intriga é fruto da conjuntura. E a conjuntura era simples: um grupo minoritário muito instalado nos seus cabedais e nas suas certezas. É talvez, por isso, que podemos ver Afonso como epítome da decadência do Império.

Aceita o qualificativo de “literatura colonial” para *Persona*?

Não aceito. No limite, poderá ser literatura pós-colonial.

A guerra colonial já produziu uma literatura específica, da lírica à narrativa. E contudo, a história de “Pesadelo” não integra nem esse espólio literário nem a História da guerra em causa. A que atribui esse silêncio? Ou será silenciamento?

Voltamos aos interditos... O processo que aparece ficcionado em “Pesadelo” pertence ao domínio do escabroso e, portanto, ao domínio do não-dito. Essa literatura que referem, justamente por ser “específica”, ou é literatura épica ou acta de congresso. Admito que haja excepções, mas não conheço. Conheço apenas compilações foleiras, muito moles (apesar do *hard cover...*), sem perspectiva histórica e de ordinário sectárias.

Aceitaria que “Pesadelo” integrasse uma antologia de textos literários sobre a guerra colonial.

Absolutamente. Por que não?

***Persona* está recheada de signos e estratégias de “distinção”, do social ao cultural – autores, lugares bem da colónia e do vizinho sul-africano, práticas de classe alta, marcas de vinho –, os quais lhe conferem por vezes o estatuto de provocação *snob*. Porque era assim o seu Moçambique ou por outras razões? Quer esclarecer-nos?**

Há o lado provocatório, não nego. Mas um pouco de *snobbery* nunca faz mal a ninguém... Mesmo porque havia que caracterizar o protagonista, que se move num meio que corresponde, por padrões actuais, à denominada “Classe A”. E, no Moçambique pré-independente, essa classe gozava de razoável desafogo económico. Tinha hábitos cosmopolitas. Viajava. Era esquisita na escolha dos blazers e dos whiskies. Tudo isso faz parte da memória da Lourenço Marques daqueles tempos. Moçambique era muito influenciado pelos vizinhos de língua inglesa. E a sociedade laurentina era uma sociedade menos repressiva do que a portuguesa, quer do ponto de vista político, que do ponto de vista dos costumes. *Persona* começa em fevereiro de 1962 e acaba em dezembro de 1973. Era preciso dar o tom da época. Afonso vive na Couceiro da Costa, convive com intelectuais e socialites, frequenta o cineclube, tem amigos na *gay-scene* de Joanesburgo. Como escapar aos signos e estratégias de “distinção”? O reverso também é verdade, mas não entra na história. Afonso é um rapaz da Polana, só atravessa a Mafalala a caminho do aeroporto.

É leitor da literatura moçambicana pós-colonial? Qual o seu juízo sobre ela?

Autores novos conheço pouco. Mas gosto francamente da poesia de Eduardo White e das narrativas de Paulina Chiziane. Agora vou ler *Milandos de um sonho*, de Bahassan Adamodjy, um autor de que nunca tinha ouvido falar. É claro que o pai fundador continua a ser o José Craveirinha, um grande poeta da língua. Não é por acaso que o cito no primeiro conto. O resto, ou não conheço ou não me interessa.

À propósito de África, um continente já com certa mística – á falta de termo melhor – na ficção gay, há um aspecto duplamente interessante no *locus* destes contos. Além de Joe Orton, citado nas suas páginas, o motivo da viagem atraiu nomes tão diversos da cena gay, como James Baldwin, Edmund White, Philip Gambone, Brian Bouldrey ou Achim Novak. Quais foram para si os motivos das viagens reais e imaginárias de Afonso?

Esqueceram-se de Bruce Chatwin... Motivos das viagens? Afonso vai ao Kalahari em resposta a um desafio. É uma viagem fortuita, com o seu quê de iniciático, nada a faria prever. Se não fosse o temporal... Foi tudo muito rápido: a descoberta dos lugares da cena gay de Durban e o encontro com Ralph nas montanhas do Drakensberg. A partir dali o deserto era o limite...

O seu livro teve uma recepção pública favorável, digamos, a qual contudo não se pode dizer que tenha coincidido com um discurso crítico “capaz”. Os espécimes produzidos na imprensa gastam-se ou a fazer a história da escrita gay lusa ou no elogio do desassombro e do “direito à diferença”. A literatura gay portuguesa poderá alguma vez, em seu entender, ultrapassar esse estatuto de exceção “simpática”, bem visível na crítica de que não dispõe? A pergunta dirige-se também ao crítico, autor aliás de uma leitura de *Lunário*, de Al Berto (publicada no Ciberkiok), que é uma das raras peças de crítica gay portuguesa.

Prefiro não comentar nenhum dos textos de índole crítica até hoje (16 de maio) publicados acerca de *Persona*. E foram exatamente cinco. Notaria, entretanto, que entre as pessoas que escrevem com regularidade para os jornais, há três ou quatro de quem se esperaria uma leitura consequente. Mas essas são as primeiras a assobiar para o lado com medo de identificações menos convenientes. Dizem-me que *Persona* é um livro difícil. E daí? A ultrapassagem do “estado de exceção” vai levar tempo. Não acredito que nos anos mais próximos mude o tipo de recepção crítica a obras portuguesas de temática homossexual. Nós não estamos no Brasil, onde um autor declaradamente gay, como Caio Fernando Abreu, é lido em pé de igualdade com Machado de Assis. Uma recente e excelente antologia dos cem melhores contos brasileiros do Século XX, disponível em livrarias de Lisboa, aí está para o provar.

Antes de terminar, não nos quer dizer que este livro é uma suspensão provisória do poeta que há anos vem sendo ou também já uma promessa do ficcionista em *Persona*?

Não gosto de fazer afirmações definitivas, mas a imagem da “suspensão provisória” adequa-se à realidade. Quanto à promessa do ficcionista..., tudo dependerá da minha vontade de contar histórias. Talvez venha a propósito de recordar a génese de *Persona*. O primeiro conto, “Marylin”, estava escrito desde sempre. E esteve para ser publicado há cinco ou seis anos. Até que, em 1999, o mandei ao Américo António Lindeza Diogo. Ele propôs logo pré-publicação no *Ciberkiosk* (saiu no no. 7), e pediu outros para um livro que a Angelus Novus editaria. O problema é que não havia outros. Então, escrevi “Pesadelo” e “Kalahari”. Foi por esta ordem que os escrevi. Perguntam frequentemente: “Por que não um romance”? Julgo que os episódios de *Persona* ganham com o ritmo da narrativa breve. Daqui para a frente logo se verá...⁴

4 Projeto que efetivamente se concretiza, em 2007, com a publicação do seu romance *Cidade Proibida* (Lisboa, Quidnovi), chegando à 3ª edição pela Editora Planeta, em 2013.